

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO

Faculdade de Teologia

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

Estudo da perícopes de Jo 10,1-21

LIMA RAFAEL PERES NUNES DE

PEREIRA THIAGO CEARÁ

Literatura Joanina e Cartas Católicas

Prof. Shigeyuki Nakanose

São Paulo 2024

1. SITUANDO O TEXTO

A parábola do Bom Pastor, descrita em Jo 10,1-21, é considerada uma continuação do texto anterior, o episódio do cego de nascença – Jo 9,1-41. Ambas as perícopes se entrelaçam teologicamente, com a intensão de apresentar à comunidade joanina o âmago da missão de Jesus, o Verbo Encarnado. Curar e restituir a dignidade humana são princípios Daqule que se apresenta como o Bom Pastor, doador de vida plena ao seu rebanho.

Situando o texto, convém primeiramente apresentar uma breve síntese do contexto em que o Evangelho fora redigido. João é descrito como o «livro dos sinais», no qual a comunidade joanina reforça a concepção de que Jesus manifesta-se como Vida e Luz aos povos.

Contudo, essa mensagem confronta-se com um sistema político e religioso dominador e opressor, no qual a religião oficial estava atrelada ao Império Romano, fazendo de seu Imperador, Domiciano, um ser divino. A espiritualidade provinda do pacto entre religião e Império é a helenização, um modelo que impõe à sociedade a busca pelo poder, prazer e posse de bens. E é justamente nesse cenário que nasce a teologia joanina, buscando resgatar e salvaguardar a mensagem da Vida Nova em Cristo.

Especificamente a partir do capítulo 9 nota-se uma trilogia de fatos que evidenciam as temáticas do *nascer*, *água da vida*, *pão da vida*. O texto precedente à Parábola do «Bom Pastor» é sobre «Os cegos e os que vêem». Aqui, o aspecto central é a luz. A cura do cego de nascença é protótipo de uma comunidade que compreende que a ação de Jesus é em favor da vida. Ele próprio, o Cristo, é a luz do mundo que deseja dissipar as trevas do pecado, da injustiça, do medo e da falta de vida abundante.

Categoricamente, o episódio da cura do cego tem como pano de fundo o tema do pecado. A pergunta dirigida à Jesus pelos discípulos é direta: «Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?» Realidade comum, a enfermidade ou a limitação física sempre estava associada ao pecado. Contudo,

Jesus sugere que tal circunstância deverá servir de sinal para a manifestação plena da obra de Deus.

Na sequência, a cena culmina com o cego curado. Entretanto, a chave de leitura para a texto seguinte (10,1-21) se apresenta na reação dos fariseus. Ao notarem a cura, rejeitam a ação salvífica de Jesus em favor daquele cego, e querem instigar os presentes a se portarem contrários ao que ali ocorrera. Põem-se enfaticamente contra a luz, ou seja, rejeitam a proposta de salvação manifestada por Jesus.

A não aceitação da proposta de Jesus concretizada plenamente na vida de um homem tão somente expressa a verdadeira identidade dos fariseus: são falsos pastores, pois agem contra a vida. Ao invés de reunir, dispersam; optam pela morte e condenação e não pela vida e liberdade humana; preferem as trevas à luz.

Assim situado, apresenta-se propriamente a perícope do Bom Pastor, uma parábola nascente do contexto do episódio do cego de nascença.

2. ANÁLISE LITERÁRIA: Jo 10,1-21

«*Eu sou o bom pastor*» (Jo 1,11) a afirmação de Jesus encaixa-se dentro de um contexto político e religioso, em que o peso da lei é tanto que acaba por afugentar os pobres e esquecidos da sociedade. Com isso a noção de «pastor» é resgatada do Antigo Testamento, como aquele que, como Davi, governaria o povo de Israel para a liberdade.

Esta perícope do «Bom Pastor», está dentro do bloco dos sinais no Evangelho de João.

A parábola do Bom Pastor está ligada à história do cego de nascença, que terminava com a acusação de cegueira dirigida aos fariseus. A eles, guias cegos, falsos pastores, é que a parábola se refere. Para confirmar esta conexão, podemos observar que em 10,21, conclusão da perícope do Bom Pastor, aparece exatamente uma referência ao milagre do cego. (FABRIS; MAGGIONI, p.383)

A ligação entre a pericope do *cego de nascença* e do *Bom Pastor*, dá-se no contexto de uma ação de Jesus e um discurso aos fariseus, ou seja, Jesus ao curar o cego (cf. Jo 9,1-7) e este cego é interrogado pelos mestres da lei (cf. Jo 9,13-34), após o interrogatório Jesus repreende os fariseus (cf. Jo 9,35-41). Daí começa a pericope do Bom Pastor, onde Jesus dá o sentido para suas ações, recuperando a noção do pastor presente em Ez 34,1-31.

A profecia de Ezequiel é em primeiro lugar uma sentença de julgamento contra os indignos chefes de Israel, que são denunciados por roubarem e matarem as ovelhas (34,3) e por abandoná-las aos animais selvagens (34,8). Do mesmo modo, o discurso de Jo 10 acusa tanto aqueles que roubam, matam e destroem o rebanho (10,1-10) como os mercenários que abandonam o rebanho ao lobo (10,12-13). (DODD, p.465)

O pastorei em sí é uma realidade muito presente na vida do povo palestino, tanto antes quanto no tempo de Jesus. O fato é, a noção teológica que o pastor carrega em sí, como se vê em Ez 34,1-31, o pastor deveria estar cuidando do seu rebanho, mas o que estava acontecendo é totalmente o contrário.

²Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não devem os pastores apascentar o seu rebanho? ³Vós vos alimentais com leite, vos vestis de lã e sacrificais as ovelhas mais gordas, mas não apascentais o rebanho! ⁴Não restaurastes o vigor das ovelhas abatidas, não curastes a que está doente, não tratastes a ferida da que sofreu fratura, não reconduzistes a desgarrada, não buscastes a perdida, mas dominastes sobre elas com dureza e violência. (Ez 34,2-4)

No capítulo 10 de João, há uma contraposição aos maus pastores descritos em Ez 34, pois «encontram-se reunidas três pequenas parábolas que confrontam cada vez duas personagens contrastantes: o pastor e o ladrão». (FABRIS; MAGGIONI, p.483)

1.1. A imagem do pastor no Antigo Testamento

Para bem compreendermos a questão do «pastor» que é o elo entre a passagem de Ez 34 e Jo 10,1-21, precisamos regressar ao Antigo Testamento e lá buscarmos compreender e entender melhor esta figura que é chave para compreendermos o messias e posteriormente o próprio Jesus.

O pastoreio em Israel não é algo tão novo, mas é algo que provém desde os tempos da idade do bronze, onde a maioria da população não estava em «grandes palácios», mas estão nas vilas e nos campos, onde a atividade produtiva de baseia-se na plantação e no pastoreio de cabras e ovelhas. (Cf. LIVERANI, p.47) Claro que o relato de Abraão é tardio e surge após o exílio em Babilônia, mas podemos perceber que neste relato há já a presença do pastor (cf. Gn 13,2) e os relatos posteriores dos patriarcas Isaac e Jacó, que também mostram a realidade pastoril. (Cf. Gn 26,14;30,31-32;37-43)

Encontramos a figura do pastor, também nos Salmos. O Salmo 23 que é sobre o «Bom Pastor» já retrata esta visão de que Javé é o Bom Pastor, Àquele que cuida do seu povo; seu rebanho. (Cf. Sl 23,1-2) O Salmo 95(94), também relata a questão de que Iahweh é o pastor do seu povo, e Nele conduz com as próprias mãos o seu povo. (Cf. Sl 95(94),7)

Com isso, a questão do «pastor» já está implícita na realidade israelítica e, a partir daí podemos observar na história do Antigo Oriente que a pessoa do rei é comparada a figura do pastor (Cf. NAKANOSE, p.14) e, a partir desta correlação entre pastor e rei, como um título de honra àquele rei que zela e cuida do seu povo, chegamos ao profeta Ezequiel, onde a comparação do pastor não será feita mais ao rei, mas ao próprio Deus, que cuida do seu povo, o protege e o conduz. (Cf. Ez 34,11)

1.2. Jesus, o Bom Pastor

A comunidade joanina, na redação do capítulo 10 do Evangelho de João, coloca Jesus como o «Bom Pastor», mas antes disso, também vemos Ele se identificar como «a porta», em profunda referência à Sagrada Escritura e à Tradição, onde a porta [da cidade e/ou da casa] é o local do comércio, do julgamento, das punições. É o local por excelência, segundo o judaísmo onde se congrega todos os fiéis. Sendo Jesus, «a porta», a passagem das ovelhas por ela é obrigatória, como, também dos pastores. (Cf. KONINGS, p.205)

Jesus é a porta do redil das ovelhas. A pericope é dividida em três etapas: Jesus é a porta do redil das ovelhas (10,1-10); Jesus é o Bom Pastor (10,11-18) e Jesus causa uma crise entre os judeus e os compara aos cegos (10,19-21).

Nestes três pontos fica claro a questão de que Jesus, não só retoma Ez 34, «julgando» os fariseus e mestres da lei como sendo os maus pastores, mercenários e ladrões, mas também, já fazendo referência à sua entrega [na cruz] pela vida do rebanho.

¹¹Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas. ¹²O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê o lobo aproximar-se, abandona as ovelhas e foge, e o lobo as arrebatou e dispersa, ¹³porque ele é mercenário e não se importa com as ovelhas. ¹⁴Eu sou o bom pastor; conheço minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem, ¹⁵como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. (Jo 10,11-15)

No decorrer da segunda parábola, onde Jesus se autoproclama «o Bom Pastor», está intrínseca a questão de que, Ele é o pastor por excelência, entregando a própria vida pelas ovelhas (10,11) e conhecendo as próprias ovelhas (10,14), sendo o oposto daqueles que não são pastores, mas estão à serviço do pastor e desempenham mal o seu trabalho de conduzir o rebanho, pois fazem isso apenas pelo lucro. (Cf. KONINGS, p.206)

«o pastor *verdadeiro*, isto é, o que realiza todas as qualidades do pastor». (FABRIS; MAGGIONI, p.385) Sendo Jesus o «Bom Pastor», o *verdadeiro pastor*, Ele compre definitivamente todas as qualidades de um pastor, conforme afirma Fabris e Maggioni, ou seja, a missão de pastorear o rebanho do Senhor é definitivamente dada à Jesus. O «Bom Pastor» é aquele que dá a vida pelas ovelhas (v.11), que as defende dos ladrões e assaltantes (v.12-13), ele conhece a cada uma de suas ovelhas (v.14) e por isso, Ele pode doar a própria vida pelas ovelhas (v.15).

Outro ponto interessante da pericope é o fato de que Jesus pastoreia, também as ovelhas de outros rebanhos, fazendo com que haja um só rebanho e um só pastor (cf. Jo 10,16) e isso acontece, porque Ele – Jesus – dá a própria vida por todos e com isso, Ele congrega todos Nele. (cf. Jo 10,17) «Especificamente, sobretudo, que o amor de Cristo não tem limite e não faz distinções». (FABRIS; MAGGIONI, p.286) Este fato, de que todos comporão um só rebanho e pertenceram a um só pastor é a causa, conforme afirmam Fabris e Maggioni, da

dissenção que encontramos nos versículos 19-21 (cf. FABRIS; MAGGIONI, p.286).

2. ANÁLISE SEMÂNTICA

Há algumas palavras chaves que indicam pontos chaves dentro da pericope, onde podemos perceber a profunda teologia de João, e sua ligação com toda a Sagrada Escritura do Antigo Testamento e da tradição semítica.

2.1. Eu sou

Quando lembramos desta pequena partícula: «Eu sou», somos remetidos à passagem, onde Deus se revela a Moisés no monte Horeb, na sarça ardente e diz: «Eu sou aquele que é» (Ex 3,14), não é simplesmente uma afirmação sobre Deus, mas é considerada a própria identidade de Deus.

Jesus quando diz: «Eu sou» (Jo 10,11;14), não está só falando sobre Ele mesmo ser «a Porta» ou «o Bom Pastor», mas que é Deus, e Deus é a porta por onde devem passar as ovelhas e é Ele o Bom Pastor do seu povo, relembrando o Salmo 23(22). «É o nome do próprio Javé! Portanto, a obra de Jesus “Eu Sou” é divina e autêntica com as imagens conhecidas: porta, pão da vida, pão descido do céu, caminho, verdade e vida». (NAKANOSE, p.17)

2.2. A Porta e a Salvação

A porta para a cultura judaica é de extrema importância, pois a imagem da porta nos remete à congregação dos fiéis, e ao comércio que era realizado na porta das cidades, aos julgamentos (cf. Am 5,10-12), as acusações contra os pecados eram feitas na porta, como também, na porta onde ocorriam os ensinamentos. (cf. Lc 7,12)

Jesus se referir como sendo a Porta por onde passam as ovelhas, e por onde passam os pastores, já nos faz perceber que Ele é uma passagem obrigatória, por onde devem passar os bons pastores, que não querem roubar, nem assaltar, e muito menos são mercenários. (cf. KONINGS, p.205) Ao fazer a comparação entre aqueles que passam pela Porta [Jesus], são pastores e

aqueles que não passam são assaltantes, ladrões e mercenários (cf. Jo 10, 7-10), mostra-nos não que aqueles que vieram antes de Jesus são assaltantes e ladrões, os profetas, patriarcas ou João Batista, mas aqueles que não ouviram as palavras destes que passaram pela porta e anunciavam a conversão, a misericórdia, o amor. Estes que não passam e não passaram pela porta, causam ruína e destruição no rebanho. (cf. KONINGS, p.205)

Logo, a questão da salvação fica intrinsicamente ligada à porta, como diz o próprio Jesus: «Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo;» (Jo 10,9), e encontramos a ligação entre o estar com o Bom Pastor, que nos faz passar pela Porta, é aqueles que se perdem por causa dos ladrões e assaltantes que acabam não passando pela porta e perdem suas vidas. A salvação, então é dada à todos que ouvem a voz do Pastor (cf. Jo 10,14) e são levadas para passarem pela porta (cf. Jo 10,7-10).

2.3. O Bom Pastor

Como já vimos na análise literária, a questão do pastoreio na sociedade palestina era de extrema importância desde a idade do Bronze (2.500 a.C.). E essa comparação que Jesus realiza (v.11;14) serve para lembrar não só a profecia de Ezequiel contra os maus pastores do povo de Israel e a tomada de decisão do Senhor, Dele mesmo ser o Bom Pastor do seu povo (Ez 34), mas também para nos mostrar a proximidade que Ele – Jesus – tem para com a comunidade.

O Bom Pastor, é também a imagem do messias esperado pelos judeus, pois a figura do pastor era atribuída aos reis que cuidavam e zelavam pelo seu povo, como também era lembrada a figura de Davi, logo Jesus sendo o Bom Pastor, remete à figura davídica do messias.

2.4. Ladrão, assaltante e mercenário

Jesus compara àqueles que deveriam ser bons pastores com ladrões, assaltantes e mercenários, fazendo alocações com Ez 34, quando o profeta compara, também, os líderes de Israel com maus pastores que abandonam o rebanho do Senhor aos lobos.

«os termos “ladrão” e “assaltante” são usados para enfatizar o uso da força, da ação violenta de entrar no curral para roubar, destruir e matar as ovelhas». (NAKANOSE, p.17) Com isso, a associação que Jesus faz entre os romanos, que são associados a essas duas categorias: «ladrões» e «assaltantes», pois são eles que utilizam da opressão para «conduzir» o povo, ou seja, do poder levam o povo ao sofrimento, a pobreza, a miséria e o Bom Pastor, que é Ele, que conduz o povo para verdes pastos e para as águas tranquilas. (cf. Sl 23(22), 2-3)

Já o mercenário, era aquele contratado para «pastorear» o rebanho, mas que no primeiro sinal de perigo, abandonava as ovelhas e fugiam. Eles são, segundo Jesus, aqueles que deveriam dar a vida em prol do povo de Deus e não deixa-los para o lobo, para os ladrões e assaltantes.

2.5. O Pai e a doação da vida

Esta pericope não é a primeira em que Jesus faz referência à sua relação com o Pai, mas, revela-nos que Ele é o pastor das ovelhas do Pai. É Ele quem doa a própria vida em prol do rebanho e não o abandona àqueles que querem destruir o rebanho. (cf. Jo 10,14-15)

Jesus possui íntima relação com o Pai, e isso é demonstrado no amor para com o povo. Com isso o vínculo que une o Bom Pastor com suas ovelhas, fundamenta-se necessariamente com o Pai (cf. NAKANOSE, p.18) com isso, vemos que esta relação entre Pai-Filho, é o que fundamenta, também a missão de Jesus, pois o Pai dá o respaldo necessário para que o Filho possa realizar sua missão neste mundo.

A partir daí, o gesto do Bom Pastor em doar a própria vida (Jo 10,15) é, em comunhão com o Pai. O pastor é aquele que dá a vida pelas ovelhas, e o Filho, conforme o relato, sendo o Bom Pastor e tendo o respaldo de Deus Pai, doa a própria vida como resgate das ovelhas perdidas.

3. HERMENÊUTICA

A mensagem presente em Jo 10,1-21 permanece atual e pertinente. Dois pontos destacam-se nesse horizonte. Primeiro, o reconhecimento da ação e missão de Jesus, o Verbo eterno do Pai e, segundo, a continuação do anúncio do Reino assumido pelos seguidores do Caminho.

O pastor, figura clássica das Sagradas Escrituras, na ótica da comunidade joanina, adquire uma percepção totalmente nova. É Jesus, o Bom Pastor, o autor da Vida plena, derramada abundantemente no coração dos discípulos de todos os tempos, que age para congregar o rebanho, curando a ferida e buscando a ovelha perdida. Todo aquele que age como ladrão e assaltante declara-se contrário à proposta do amor ágape, ficando do lado dos que, à exemplo do ocorrido com o cego de nascença, declararam-se contrários à luz.

Ser luz do mundo é também um compromisso assumido por toda comunidade cristã. Os homens e mulheres tem o compromisso de, na realidade eclesial e social, promover sinais de união e vida. Na contramão da atitude dos fariseus que rejeitaram a proposta de Jesus, a humanidade é provocada a construir uma nova sociedade, na qual hajam verdadeiros pastores, dispostos e capazes de oferecer comunhão, fraternidade e amor ao rebanho.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DODD, Charles H., *A interpretação do Quarto Evangelho*, Teológica, São Paulo 2003.

FABRIS, Rinaldo, MAGGIONI, Bruno, *Os Evangelhos II*, Edições Loyola, São Paulo 2006.

LIVERANI, Mario, *Para além da Bíblia: História antiga de Israel*, Paulus; Edições Loyola, São Paulo 2008.

KONINGS Johan, *Evangelho de João: Amor e fidelidade*, Loyola, São Paulo 2005.

NAKANOSE, Shigeyuki, *Eu sou O Bom Pastor*, Vida Pastoral 305 (2015), p. 13-22.